





EX-LIBRIS



BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



A Raymundo Corrêa  
off.

Recinto de Parwallho

Santos - 1902

ROSA, ROSA DE AMOR...



ROSA, ROSA DE AMOR...





*Vicente de Carvalho*

---

# ROSA, ROSA DE AMOR ..

(POEMA)



RIO DE JANEIRO  
**LAEMMERT & C. — Editores**  
68, RUA DO OUVIDOR, 68  
Casa filial em S. Paulo  
1902



## ROSA, ROSA DE AMOR...

---

*Rosa, rosa de amor purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?*

GABRET.



I

**OLHOS VERDES**





Olhos encantados, olhos côr do mar  
Olhos pensativos que fazeis sonhar !

Que formosas coisas, quantas maravilhas  
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo :  
Córtes pittorescos de afastadas ilhas  
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,  
Solidões tranquillias feitas para o beijo,  
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falais de amor !

Vem cahindo a noite, vai subindo a lua...  
O horizonte, como para recebel-as,  
De uma fimbria de oiro todo se debrua ;  
Afla a brisa, cheia de ternura ousada,  
Esfrolando as ondas, provocando nellas  
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada !

Uma vela branca, toda alvor, se afasta  
Balançando na onda, palpitando ao vento ;  
Eil-a que mergulha pela noite vasta,  
Pela vasta noite feita de luar ;  
Eil-a que mergulha pelo firmamento  
Desdobrado ao longe nos confins do mar...

Olhos scismadores que fazeis scismar !

Branca vela errante, branca vela errante,  
Como a noite é clara ! como o céu é lindo !  
Leva-me contigo pelo mar... Adeante !  
Leva-me contigo até mais longe, a essa  
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo  
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa !

Olhos pensativos que fazeis sonhar,  
Olhos côr do mar !





II

**MANHÃ DE SOL**





Na sombra do murtal, cujas flores a leve  
Aragem desgrinalda em turbilhões de neve,  
Ella vagueia a sós... E como vai formosa !  
Tem como uma frescura orvalhada de rosa  
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando  
O seu pisar, que o chão o acolhe suspirando.  
— Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...  
E pòr onde ella passa a sombra se illumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ella  
Erra á toa. Sorrindo, as aves interpella.  
Corre de flor em flor, salta de moita em moita.  
Ora entre a ramaria o olhar travesso afoita

E tenta surprehender o segredo de um ninho ;  
Ora scisma, fitando o vago desalinho  
Em que toda palpita, em que se entrega toda,  
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,  
Em tudo, vê um ar festivo de noivado.  
Cada flor' abre ao sol o calice orvalhado,  
Humido como um labio em que poisasse um beijo...

E o seu passo é subtil, e erra como um adejo.

Surprehendo-a. Ella estaca, assustada, indecisa ;  
Mal com os pesinhos nús o chão musgoso pisa  
Num ar de jurity prestes a abrir o vôo.  
Tomo-lhe as mãos ; baixinho, ao seu quido, então  
A atrevida canção do amor que tudo pede,  
Do amor que não é mais do que um furor de sede,  
Que é o amor afinal...

Toda a sua alma escuta,  
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,  
Quer ceder, e resiste ; abraza, e não se atreve...  
E de subito, como a corça arisca e leve  
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,  
Ella das minhas mãos bruscamente resvala,

Salta, fuge-me...

Em vão. Salto-lhe empós ; não tomba  
Mais faminto um abutre em cima de uma pomba.  
Ella, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa  
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.  
E o seu passo recorda o chão, que abaixa e alteia  
Aqui um charco, adeante um cómoros de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo  
Mais e mais ella mostra a angustia do cansaço.  
Arfa-lhe o seio ; perde o folego ; tropeça ;  
Pára...

Alcança-a meu beijo. O noivado começa.





III

**HORAS DE AMOR**







Só vivo as horas que passo  
Junto de ti, meu amor,  
Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua bocca em flor...

Só assim vivo, querida,  
Pois tudo mais não é vida.



Ventura que mal gotteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acaso que o proteja ;

Só alcanço o teu carinho  
Nesta sombra de folhagem,  
Onde, como ave selvagem,  
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moitas vagueio,  
Caminho, paro, indeciso...  
Virás ou não? E agoniso  
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia  
De um rumor vago e perdido,  
Cuido escutar o ruído  
Dos teus pésinhos na areia.

Volto-me sobresaltado  
Só porque uma ave deteve  
O vôo, e um ramo, de leve,  
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto  
Essa impaciência hesitante  
Por ternuras de um instante,  
Por beijos dados a furto,

---

Cheio de inveja reparo  
Nas borboletas que em bando  
Passam felizes, amando  
Na plena luz do sol claro...

Ventura que mal gotteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acaso que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,  
E foge ao sol e ás estradas...  
Fossemos nós de mãos dadas  
Pela vida e a primayera !

De subito, ouço teus passos :  
D'entre folhagens de arbusto  
Olhas, tremula de susto,  
Caes palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha  
Que suga a flor, e adormece,  
Meu beijo poisa, e se esquece  
Em tua bocca vermelha...

---

Logro só de espaço a espaço  
Algum momento de amor,  
Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua bocca em flor.

Ai, eu só vivo, querida,  
Pedaços da minha vida...



IV

**PRIMEIRA SOMBRA**





— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flor assegure o que digo e tu vês?

O meu olhar, poisando em teu sorriso,

Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...

— E, commovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...

Suppões que espalhe a noite em nossa vida

A sombra de uma flor perpassando entre nós?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde, hontem quando  
Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.  
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando ;  
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços,  
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,  
Ouço como um rumor fugitivo de passos  
Que te afastam de mim.

Dize que estou sonhando, que estou louca !  
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,  
E que o beijo que ainda orvalha minha bocca  
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso  
Echoou em minha alma; em teu verso aprendi  
A soletrar o amor, o Amor — esse universo  
Radioso, immenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me ; eu escutei-a  
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...  
Fala-me ainda de amor ! Não te cales, sereia  
Que me attrahiste para o azul do mar !



---

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,  
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.  
Não me deixes ! Serei a sombra que te siga,  
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones ! Ama-me ! A risonha  
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...  
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me ! Sonha,  
Poisada a frente nos meus seios nus !

Que alegre madrugada cor de rosa,  
Ser amada por ti, claro sol que tu és !  
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, gosa  
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,  
Vieste acaso poisar o vôo no meu seio,  
Não me deixes ! Eu quero ouvir ainda o gorgoeio  
Em que teu beijo é que dizia : « Eu te amo ! »





V

**CAHIR DAS FOLHAS**





«Deixa-me, fonte!» Dizia  
A flor, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria,  
Cantava, levando a flor.

«Deixa-me, deixa-me, fonte!»  
Dizia a flor a chorar:  
«Eu fui nascida no monte...  
«Não me leves para o mar.»

E a fonte, rápida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flor.

« Ai, balanços do meu galho,  
« Balanços do berço meu ;  
« Ai, claras gottas de orvalho  
« Cahidas do azul do céu!... »

Chorava a flor, e gemia,  
Branca, branca de terror,  
E a fonte sonora e fria,  
Rolava, levando a flor.

« Adeus, sombra das ramadas,  
« Cantigas do rouxinol ;  
« Ai, festa das madrugadas,  
« Doçuras do pôr do sol ;

« Carícia das brisas leves  
« Que abrem rasgões de luar...  
« Fonte, fonte, não me leves,  
« Não me leves para o mar!... »

---

As correntezas da vida  
E os restos do meu amor  
Resvalam numa descida  
Como a da fonte e da flor...

VI

**DESILLUDIDA**







Sou como a corça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da água distante.

Bem sei que já me não ama,  
E sigo amorosa e afflicta,  
Essa voz que não me chama,  
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura  
Deste amor abandonado  
Que se abre em flor, e procura  
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da água distante:

Só, perdido no deserto,  
Segue empós do seu carinho;  
Vai-se arrastando ...e vai certo  
Que morre pelo caminho.



VII

**SAUDADE**





Bellos amores perdidos,  
Muito fiz eu com perder-vos;  
Deixar-vos, sim: esquecer-vos  
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,  
— Amor, desejo, esperança...  
Só não se arranca a lembrança  
De quando se foi feliz.

Roseira cheia de rosas,  
Roseira cheia de espinhos,  
Que eu deixei pelos caminhos  
Aberta em flor, e parti:

Por me não perder, perdi-te;  
Mas mal posso assegurar-me  
— Com te perder e ganhar-me,  
Si ganhei, ou si perdi...



VIII

**SERENATA**







Pela vasta noite indolente  
Voga um perfume estranho.  
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente  
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noite tranquilla  
Pairam, longe, as estrelas.  
Eu sonho... O teu olhar tambem scintilla  
Assim, tão longe como ellas.

Pela vasta noite povoada  
De rumores e arquejos  
Eu sonho... E' tua voz, entrecortada  
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noite sem termo,  
Que deserto sombrio !  
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo  
O nosso leito vasio.

Pela vasta noite que finda  
Sóbe o dia risonho...  
E eu cerro os olhos para ver-te ainda,  
Ainda e sempre, em meu sonho.



IX

**O DIA SEGUINTE DO AMOR**





Aves fugidias que passais em bando  
Pelo azul da tarde, sobre o azul do mar,  
Aves fugidias que passais cantando,  
Que fazeis? Passar.

De repente surgis. No vasto céu  
Um turbilhão de alvura de repente cresce ;  
Passa, afasta-se, e ao longe, e como apareceu  
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve  
De azas que ruflam de vagar,  
Passais como flocos de neve  
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta ? Um quasi nada : apenas  
Em meu olhar distrahido  
A vaga impressão de uma alvura de pennas,  
E o echo de um rumor cantando em meu ouvido.





Sonhos de amor, perfumados  
Do aroma da flor da laranjeira,  
Botões de rosa desabrochados  
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado  
Ao descobrir, como um triumphador,  
Todo enlevado, todo enlevado,  
Que uns seios de marmore arquejam de amor ;

Sonhos do ouvido, escutando  
O ingenuo amor que se revela emfim  
Involuntariamente, quando  
Em phrases que negam a voz diz que sim ;

Sabor do primeiro beijo  
Que mal poisa, medroso, leve, leve,  
Num rosto virgem onde o pejo  
Semeia de rosas brancuras de neve ;

Sonhos de amor, sois como a rosa  
Que, nem bem colhida,  
Perde a frescura que a tornou formosa,  
Perde o perfume que a tornou querida.







Primavera vivida

De amar e ser amado aos vinte annos em flor,  
Entrada triumphal do coração na vida,  
Amor, amor, amor!

Rapida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedos nús  
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...  
Região lavada em luz

Entre esses dous extremos

Tão proximos—o olhar que ainda não sabe ver  
E o que vê—triste fim dos encantos supremos!—  
O que vale a mulher ;

Miragens do desejo, enlevos da esperança,  
Só é feliz o amor que espera e não alcança.





Infinita doçura, inegalavel coisa,  
Contacto delicioso, ineffavel pressão  
Da mão amada quando encontra a nossa mão  
E, brandamente, e como achando um ninho, poisa ;

O' labios da mulher palpitantes de amor,  
O' labios que humidece o orvalho do desejo,  
Doces labios servis onde abotôa o beijo,  
Prestes a se deixar colher como uma flôr;

O' seios brancos onde a paixão, a offegar,  
Chama a paixão, attrai a carne, acena ao goso ;  
O' seios brancos onde uns olhos de amoroso  
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar ;

Encantos da mulher amada ; commovidos  
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor  
Da unica hora feliz de toda a vida ; amor,  
Sonho em que a alma é que sente o goso dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroça  
Resplandeceis, miragens, enganos,  
De uma luz que não é vossa...  
Que é só dos nossos vinte annos.





Tremulas maretas que passais boiando  
Pela flôr das ondas nos parceis do mar ;  
Tremulas maretás que alvejais cantando,  
Que fazeis? Passar .

De repente surgis... No mar sem fim  
Um turbilhão de alvura de repente cresce ;  
Passa ; afasta-se; e como appareceu, assim  
Desapparece .

Brancura brilhante de espumas, sons velados  
Da agua no açude de um pomar,  
Passais, desfeitos, desmanchados  
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta ? Ai ! Quasi cousa alguma :  
Em meu olhar distraído  
A vaga impressão de alguns flocos de espuma  
E o écho de um rumor cantando em meu ouvido...



X

**ULTIMA CONFIDENCIA**







- E si acaso voltar ? Que hei de dizer-lhe, quando  
Me perguntar por ti ?
- Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...  
Nessa tarde parti.
- Si arrependido e ancioso elle indagar: «Para onde?  
Por onde a buscarei ? »
- Dize-lhe : « Para além... para longe... » Responde  
Como eu mesma: « Não sei. »

Ai, é tão vasta a noite ! A meia luz do occaso  
Desmaia... Anoiteceu...  
Onde vou ? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso  
Até achar o céu.


Eu cheguei a suppôr que possivel me fosse  
Ser amada — e viver.  
E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce  
Ser amada... e morrer !...

Ouve : conta-lhe tu que eu chorava, partindo,  
As lagrimas que vês...  
Só conheci do amor que imaginei tão lindo,  
O mal que elle me fez.

Narra-lhe transe a transe a dor que me consome...  
Nem houve nunca egual!  
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome  
No soluço final !

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bocca  
Que o seu beijo não quiz :  
Golpha-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca !  
Sinto-me tão feliz !

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,  
Occulta-lh'o ! Senhor,  
Eu morro !... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o  
Até morrer... de amor.

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).